

# **SOBRE AFETO E CRIAÇÃO: AGUSTINA BESSA-LUÍS EM DIÁLOGO COM JUAN RODOLFO WILCOCK E JOSÉ RÉGIO**

Viviane VASCONCELOS\*

- **RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal analisar a correspondência entre Agustina Bessa-Luís e José Régio, de 1955 a 1968, e as cartas destinadas a Juan Rodolfo Wilcock, escritor ítalo-argentino, de 1959 a 1965. Diante das comemorações dos 70 anos da publicação do romance “A Sibila”, um marco na literatura do século XX, torna-se relevante pensar em diálogos que a Agustina Bessa-Luís estabeleceu com alguns escritores. Além de ser um registro importante que revela particularidades do convívio afetivo, a materialidade da epistolografia também pode apontar caminhos para que pensemos no valor histórico e literário. Escritos no mesmo período, as cartas, bilhetes e cartões trocados entre Agustina Bessa-Luís e José Régio permitem reflexões acerca da escrita literária, da recepção e crítica, além das manifestações culturais de uma época. No caso da correspondência entre Agustina e Wilcock, por exemplo, encontram-se provocações desafiadoras sobre diferentes assuntos, uma comunicação potente que traz perspectivas de leitura da importante obra da escritora portuguesa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Agustina Bessa-Luís. José Régio. Juan Rodolfo Wilcock. Correspondência.

Parece-nos, atualmente, a experiência com o gênero epistolar uma atividade impensável, dadas as circunstâncias que obrigam, cada vez mais, a transformação das ferramentas de comunicação baseadas em definições que exigem eficiência e, acima de qualquer atributo, agilidade.

Em uma recordação não muito distante para as perspectivas de tempo que nos constituíram enquanto humanidade, o ato de esperar, de desejar estar em contato com o outro por meio do diálogo, no sentido mais próximo que compreendemos as configurações da amizade para muitos teóricos do pensamento ocidental, foi também uma lição de aprendizagem acerca das relações humanas, posto que, inevitavelmente, nos conduzia a enfrentamentos sobre as muitas dimensões

---

\* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia. Rio de Janeiro – RJ- Brasil – viviane.silva.vasconcelos@uerj.br

do tempo. Por conseguinte, parecia ser possível, diante do tempo de espera, simular muitas vivências difíceis para nós, humanos, que giram em torno das representações da existência da morte, configurada pela ausência abrupta de resposta ou pelo desaparecimento lento e gradual.

Outra forma, não menos relevante, reside na ideia de que toda e qualquer escrita que busca um destinatário, como é a correspondência (1959-1965) entre Agustina Bessa-Luís e o escritor ítalo-argentino Juan Rodolfo Wilcock, e entre a escritora e José Régio (1955-1968), é a tentativa do estabelecimento de um pacto, um exercício que joga com uma aparente confissão e, muitas vezes, com uma instigante de provocação capaz de sustentar o interesse entre os envolvidos na *práxis* epistolar.

Diante do valioso material dos dois livros, nas aproximações e distanciamentos entre os escritores, pensamos em dois momentos, os quais intitularemos de *O espaço do enfretamento*, dentro do qual abordaremos as relações de permanência e distância e a inserção da crítica; e *Desejo, afecção: vida e morte*, parte em que mencionaremos a importância da construção da amizade nas correspondências.

Lourença Baldaque, em nota de tradução ao livro, publicado em 2021, destaca que as cartas de Agustina são escritas em castelhano, um retorno, segundo a neta da escritora, às origens maternas. Agustina conhece o escritor ítalo-argentino, em 1959. Naquela altura, Wilcock, filho de pai inglês e de mãe argentina, descendente de italianos, residia na Itália, país em que se fixara desde 1957.

Por meio das correspondências com o poeta, tradutor e crítico literário, sabemos que, após encontrar Wilcock, na França e, posteriormente, em Roma, que meses depois Agustina começa a se comunicar com o poeta por seis anos, através de 57 cartas que só foram localizadas, em 2017, após o contato da família de Agustina Bessa-Luís com o responsável pelo espólio do poeta. As cartas estavam em um só envelope, guardado por Wilcock, identificado por “Agustina”. Ainda como observa Lourença Baldaque, as cartas “forneciam um contributo significativo no estudo da vida e obra dos dois autores” (Lourença Baldaque, 2021, p.237).

Nas primeiras linhas do prefácio, Ernesto Montequin, pesquisador e tradutor de importantes escritores argentinos, como Jorge Luis Borges, enfatiza que um dos traços que define o epistolário é “a intensidade” (Ernesto Montequin, 2021, p.23). Destaca o pesquisador: “Como tantas amizades entre personalidades fortes, os laços que Agustina Bessa-Luís e Juan Rodolfo Wilcock mantiveram oscilou entre o afecto e a malícia, entre o respeito e a insolência, entre o fascínio e o temor” (Ernesto Montequin, 2021, p.7).

## O espaço do enfretamento

Em carta de primeiro de agosto de 1959, Agustina menciona o encontro do qual participou em Lourmarin, na Provence. No registro inicial de contato com

Wilcock, descreve o incômodo do encontro de escritores, a impossibilidade de discutir determinadas questões, mas aborda o que, para ela, seria a ausência de liberdade de poetas de fazerem na vida civil uma experiência real das suas relações pessoais e afetivas:

Ao chegar encontrei uma carta de Pierre Emmanuel que exprime a sensibilidade que não se pôde esgotar em Lourmarin, porque os poetas são pessoas que deixam sempre a verdade para depois. E Pierre Emmanuel, ao reconhecer, por inspiração poética, que as minhas intenções eram, no meio da aridez dos assuntos apresentados, as verdadeiras, deu-me uma última prova de cumplicidade da mediocridade na qual o encontro, quiçá também, da minha parte, se desenvolveu. (...)

Agradeço-lhe muitíssimo a bondade que teve de quase de inventar para nós, e digo-lhe sério porque o conheço o suficiente. Retribuo-lhe, escrevendo-lhe num papel de riscas, coisa muito admirável em mim, e rara (...) Pensei sempre, quando o observara, no problema da liberdade e se você se daria conta, no meio da sua novela pessoal, de haver nela liberdade ou submissão; e se os nossos impulsos de viver segundo a nossa aparência interior não nos levarão a uma escravatura ainda pior do que a exigência do mundo que nos rodeia. Mas não é fácil falar disto, nem de nada. Uma coisa ainda lhe quero dizer: que você não se deu conta de que a minha antipatia face a Eugénio, por exemplo, quase não tocava a sua raça, a sua condição, a sua natureza, mas que essa antipatia é o fundo incorruptível do meu ser. Toda a minha mais alta verdade se pode definir por antipatia e inteligência. Que diferença faz ser um homossexual ou um estrábico! Só que não os quero confundir e interessa-me o isolamento por espécie de cada um. Antipatia é não me entregar, com o sentimento, à possibilidade de pactuar, de viver (...) (Agustina Bessa-Luís, 2021, p.29-31)

Percebe-se, de início, a necessidade de uma aproximação em que as posições de Agustina Bessa-Luís ficam registradas de forma contundente. Sendo uma carta do fim da década de 50, a jovem Agustina não esconde as suas opiniões e observações do encontro de escritores e insere, ainda, suas percepções acerca de muitos temas, a exemplo da orientação sexual. A preocupação em torno da necessidade de dizer, ainda que reconheça as dificuldades que existem em qualquer assunto, e de pensar na atitude ética de afirmação diante da vida, revelam uma escritora preocupada com a existência livre de seus amigos.

Dissertando sobre a liberdade, sem ignorar seus estados e comportamentos, elogia a antipatia como uma forma de resistência a uma falsidade, uma exposição da verdade, seja como for, defesa que realiza, sobretudo, quando associa inteligência à antipatia, quer como resposta ou como característica fundadora da identidade, e à experiência de viver.

Antipatia é não se entregar à possibilidade de pactuar, e aqui destacamos o verbo “pactuar”, pois é com ele que Agustina encerra a primeira carta ao escritor. *Pactum*, um acordo, uma união com a vida, referindo-se, diretamente, à antipatia, que além de conter a ideia de *pathos*, é um dos estados centrais de refutação para a constituição do método filosófico moderno para muitos pensadores, como John Locke. Mais do que um dado do comportamento humano, a antipatia é descrita como condição igualmente necessária para a prática da relação verdadeira, ‘com sentimento’, como prefere Agustina Bessa-Luís.

Por outro lado, podemos também pensar na antipatia como uma forma, através da discordância, de construção de uma experiência mais verdadeira, sem máscaras. No último trecho citado, Agustina Bessa-Luís, ainda dissertando sobre a antipatia, que seria se esquivar da entrega sentimental, de vivência por meio do pacto, acrescenta: “(...) de “*dormir ensemble*”, na linguagem aqui filosófica de Fílon de Alexandria, com o que pode até ser o bem humano (...)” (Agustina Bessa-Luís, 2021, p. 31). Ao citar o filósofo que tentou uma nova experiência teológica de interpretação da bíblia com a inserção dos conceitos da tradição filosófica grega, podemos intuir que Agustina aborda a estrutura do pensamento dialético como uma maneira de convívio dos contrários e das diferenças como base do que chama de pensar ou “*dormir ensemble*”.

Na tentativa de construir um movimento, na arena da amizade e da escrita, a escritora lança o desafio, o *agon*, no sentido de que, no exercício inevitável do jogo, ela se coloca na prática de proposições e de novas formas de comunicação ao interlocutor. No mesmo mês, em 1959, Wilcock responde, estabelecendo a primeira reação:

Exigente amiga, não fazia falta dizer-me que a minha companhia lhe foi às vezes desagradável. O que me obriga a responder-lhe que a sua me foi sempre muito mais agradável: verdadeira, útil, satisfatória e inspiradora. Fica assim estabelecida a diferença entre nós. Naturalmente, pelo temor de aborrecê-la, vou abster-me de voltar a impor-lhe a minha ambivalente companhia. (...)

Como de costume, equivooca-se quando diz conhecer-me a fundo: não tive de inventar nenhuma bondade para si (...) As suas ideias a este respeito parecem sumariamente confusas e portanto peço-lhe que não me invente à sua maneira. O hábito de inventar pessoas para os seus romances pode ser útil e aplicável no trato corrente, mas é inseguro quando esse trato se encontra com outro inventor de pessoas. Ou seja, nem eu posso falar com certeza de si nem você de mim. (Juan Rodolfo Wilcock, 2021, p.34-35)

A palavra “sempre” está sublinhada no livro, acompanhada da descrição do contato com a escritora. A partir daí, o pacto proposto por Agustina Bessa-Luís

está firmado, porém com a diferença estabelecida por Wilcock. É evidente que o adjetivo “exigente”, que antecede o substantivo, indica um valor mais subjetivo ao início do parágrafo.

Diante da caracterização realizada pela escritora, a reação de Wilcock também é a confirmação da aceitação de uma troca desafiadora, como anuncia Montequin. Como inventores de pessoas que são, Wilcock afirma que nada pode ser definitivo ou verdadeiro em relação ao que é humano, mas registra o enorme prazer de ter conhecido a escritora: “(...) ria-me somente pelo prazer de estar ao seu lado” (Juan Rodolfo Wilcock, 2021, p.35).

Desperta-nos a atenção, particularmente, que o escritor, de alguma forma, aceita iniciar essa troca de experiências, de simulações e invenções, mas, sobretudo, de pacto afetivo com Agustina. Nas cartas seguintes, a intensidade à qual se refere Montequin se justifica na medida em que há muitas lacunas, tempos sem resposta, confissões e cuidados, como o que a escritora mantém ao perguntar sobre o crescimento de Livio, filho de Wilcock, e como o escritor se dirige a Alberto Luís, marido de Agustina. Acrescentam-se a esses intervalos, a expectativa de um possível encontro em Portugal, a espera pelos originais de textos de Agustina Bessa-Luís, as dificuldades de tradução em outros países, observações que dão a ver o processo de escrita e de conhecimento da recepção crítica da obra da até então jovem escritora:

Querido amigo John Wilcock, escrevi-lhe uma carta formal, como Deus manda, e responde-me como tão má vontade. E fala com ferocidade, então!

Porquê e porquê. Pode ser que estime em demasia a sua própria liberdade e creia que a todo o tempo lhe vão lançar ciladas e montar-lhe armadilhas. Não digo que não tenha dito alguma coisa encantadora, como essa de que a minha inimizade entusiasmo, é criadora. Já o sabia. Todos se empenham em que eu lhes tenha aversão, em que eu lhe seja contrária, em que eu derrube o doce estar certo dos outros – e apunhalam-me com o maior gosto. Eu sinto-o com o coração, mas a minha alma de cortiça resiste muito bem e vai por cima da corrente. Dou-lhe um exemplo: um alemão, dos do congresso, escreveu a um amigo meu dizendo-lhe que a minha intervenção – que você aplaudiu elegantemente – era de uma “fascista”, e que por certo eu tinha comprado o manuscrito de Os Incuráveis a um poeta pobre que vivia numa trapeira, o que não retira ao livro o seu mérito verdadeiro”. Bom, e então. Mandei-lhe dizer que os meus livros quem mos faz é a cozinheira, para isso lhe pago muito bem, e que não era caso de subir a uma trapeira, isso de explorar um poeta, porque os há de primeiro piso, e aceitáveis. (BESSA-LUÍS, 2021, p.47)

(...) Que se aborreça a ler os meus livros é muito natural, não sei o que aconteceria se eu mesma os lesse, mas escrevo depressa, e atiro-os para longe, nunca me ocorre lê-los. Não faltava mais nada!

Não creio que a poesia seja o excesso de conhecimento de uma língua; e que resulte disso (...) A poesia pode ser que seja mais a síntese do nosso próprio excesso, um estado de intimidade que a vida quase proíbe. (Agustina Bessa-Luís, 2021, p. 48-49)

As cartas escritas por Agustina Bessa-Luís são espaços de muitas aberturas a assuntos diversos, como também dão a dimensão da impressão irônica da escritora acerca da recepção crítica de sua obra. Percebendo o que, segundo um participante do congresso, seria uma incoerência entre o livro e seu suposto posicionamento, a escritora rebate, dando a compreender, neste momento e em outros da sua correspondência com Wilcock, que o fundamental da sua atividade era pôr em prática a inquietude de sua escrita, a necessidade de escrever.

A prática epistolar, assim como outros textos de Agustina Bessa-Luís, como artigos e crônicas, expõem a interrogação permanente, o que não se trata, sabemos, de uma novidade, mas são, antes, o espaço da vivência, da tentativa de alcance de uma verdade, da escrita que nos conduz a uma esfera de profundidade dos encontros. Além disso, quer nos levar a crer que a verdade reside no conhecimento de um movimento sem conciliação, de queda e ruptura.

Como se não fosse suficiente, a escrita das cartas também se faz desobediente, se realiza enquanto perseguição pela elaboração de um espaço aberto. Antes de se chegar à conclusão de que o objeto do prazer é ausente, a escrita tenta conservar o instante, o encontro sempre possível de acontecer novamente. A leitura nos obriga a exercer a trabalhosa e intrigante tarefa de recolhimento de vestígios e rastros.

Se a “relação ao outro supõe uma separação infinita, uma interrupção infinita onde aparece o rosto”, como escreve Jacques Derrida, em *Adeus a Emmanuel Lévinas* (Jacques Derrida, 2004, p.24), é a frágil certeza de que o outro reaparecerá para confirmar o pacto firmado que permite o ato de mover-se ao qual Agustina se refere em muitas cartas, despendido-se, sem certeza de resposta, em algumas correspondências, com “abraços kafkianos”.

Vale mencionar que, ao citar Kafka, escritor ao qual dedicou parte do seu trabalho crítico, que resulta em *Kafkiana* (2012), livro que reúne quatro textos sobre a obra e vida de Kafka, Agustina Bessa-Luís registra em muitas correspondências uma complexa rede de saberes, de afinidades e de possibilidades de experiências de leitura também com sua obra.

## **Desejo, afecção: vida e morte**

Ao contrário da pujança da correspondência com Wilcock, as cartas a José Régio revelam uma demorada aproximação entre os dois. Além da vida, o que mais se destaca é a atividade crítica de ambos. A jovem escritora, conhecedora do cena literária do país, e Régio, já menos entusiasmado com o debate. Assume, muitas vezes, a postura de um conselheiro frente aos impulsos da escritora em relação à crítica e posicionamentos diante de alguns dos seus contemporâneos. Na primeira aproximação, com muita ironia, Agustina Bessa-Luís, ao falar da sua obra, não anuncia parte do que compreende ser a literatura, como faz com Wilcock, mas elege um tom mais irônico. Em 28 de setembro de 1955, escreve:

Dei hoje graças à Senhora do Desterro porque não se esqueceu de mim. Toda a gente sabia de si, o Eugénio de Andrade a Ilse Losa enfim os poucos querubins do crime literário com quem às vezes me comunico, tinham-no encontrado sempre na véspera, estavam profundamente informados a seu respeito – tinham sempre tão recentes opiniões de si. E estava nessa altura na província, na casa da Sibila moribunda, nessa casa maravilhosa em que viver é filosofar (Agustina Bessa-Luís, 2014, p.25)

É quase impossível não notar a menção ao seu romance, *A Sibila*, que havia sido publicado há pouco tempo, e o registro da casa como um espaço de elaboração filosófica, lugar de relevância nos romances de Agustina Bessa-Luís e de escrita da correspondência.

Observamos que até o seu último romance, *A Ronda da Noite* (2006), o narrador descreve a casa como um espaço de morada, de habitação, através do qual será oferecida a oportunidade de agir, de produzir sentidos, de renunciar.

Nos romances de Agustina Bessa-Luís são acesas as discussões sobre as crises que tornam as subjetividades cada vez mais universalizadas, condição dilacerada e singular da humanidade no século XX. Tais reflexões ficam ainda mais perceptíveis com a preocupação em relação à tentativa de romper com a arbitrariedade do signo, ou seja, com sentidos únicos atribuídos à palavra. São formas de narrar que se desenvolvem na ideia de um texto que só se realiza na produção de permanentes sentidos, já que, assim como a história, a linguagem tenta recuperar o significado de um tempo de estilhaços e de ruínas. Tais observações parecem ocorrer nas cartas que a escritora escreve a Wilcock e Régio, quase uma tentativa de não deixar que a criatividade se perca nas atribuições cotidianas. A casa filosófica em que reside a figura sibilina pode ser, ao mesmo tempo, um espaço ainda mais amplo, o tempo em que as coisas não se terminem tão depressa.

É interessante ressaltar que a atividade literária, como para a maior parte dos humanistas, como Montaigne, não se distancia da reflexão sobre a amizade,

sendo a própria dissertação sobre a amizade uma prática literária. Assim o é na correspondência de Agustina, um exercício de diálogo com o tempo. É também sobre a possibilidade de constituição da experiência do mistério da temporalidade, sempre desejante, sobre a qual se instaura a história epistolar, da criação com o ausente percebido nas lacunas da história e da memória.

Lembramos de *A ideia de tempo* (2022), de Henri Bergson, em sua décima primeira aula, quando analisa as primeiras antinomias do tempo em Kant para concluir, em relação ao espaço, que: “No caso do tempo, podemos representá-lo somente como finito. A duração é uma ação sempre terminada. Nossa própria duração tem um começo e um fim. A duração do universo é representada por uma sucessão de mudanças que têm um começo no tempo. (...) Toda duração, todo tempo é finito” (Henri Bergson, 2022, p.97).

A escrita das cartas ensina que é por meio da insistência em enfrentar as dimensões do tempo que as relações humanas se fizeram e resistiram à ação de um tempo particular, vivido por cada um, na mesma medida, individualmente e coletivamente, com a certeza de que é iminente a nosso fim. O silêncio momentâneo, mencionado por Jacques Derrida, quando Emmanuel Lévinas deixava-o sem resposta, ao telefone, parece ser uma aprendizagem que realizamos, segundo o filósofo, com o desaparecimento cotidiano, experiência que parece ser mais aprofundada pelo gênero epistolar. Escreve Régio:

Não sei o que terá pensado do meu silêncio, ou, antes, do meu não cumprimento de lhe telefonar do Porto (...).

E que novas Obras: Com certeza que já está escrevendo um novo romance. Quem lê *Os Incuráveis* logo compreende que a Autora não é de parar. Eu escrevi um artigo sobre o seu livro – Um livro excepcional e alguns dos seus problemas, que, por circunstâncias várias, não chegou a aparecer. (José Régio, 2014, p.34)

As correspondências com Wilcock e Régio também revelam o espanto e a admiração que tinham em relação à escrita de Agustina. Por vezes, os registros se fazem presentes. Outra característica em comum são as diversas digressões que a escritora realiza nas cartas ao fazer referências aos assuntos mais diversos e ao compartilhar as experiências de leitora curiosa, como acontece, por exemplo, quando Wilcock recomenda a leitura de romancistas e filósofos, ou em carta a José Régio, de 17 de novembro de 1962, no momento em que descreve Régio como um homem discreto, mas não tímido, e acrescenta uma observação sobre o famoso livro de Herman Melville:

Li *Moby Dick* e é um grande e formoso livro. Não sei como me escapou tanto tempo e ando há tempos a falar em termos de marinha de mastros de mezena,



de garupês e bitáculas. Como se pega, uma coisa dessas e – dirá que era fatal! - tenho simpatia pela baleia branca, tão séria criatura! Se vier a Vila do Conde diga-me depressa. Ando com todas as velas em novo trabalho “As relações humanas” e deve sair O Sermão do Fogo em breve; não revi ainda provas, também é verdade. Aqui vivo, perseguida de longe como a baleia branca, furiosa como ela contra a perturbação dos mares, mas não contra os homens. (Agustina Bessa-Luís, 2012, p.87)

A intensa atividade literária da escritora, que possui uma vasta obra, entre romances, peças de teatro, livros infantis, relatos de viagem, crônicas, contos, biografias com figuras tão distintas - Marquês de Pombal, Florbela Espanca e Maria Helena Vieira da Silva, por exemplo-, pode ser observada no pequeno trecho da carta citada anteriormente, além do diálogo permanente com outros escritores, artistas, pensadores.

### **Considerações finais**

Nesses momentos finais, voltamos ao que mencionamos no início sobre a importância da construção da amizade. A preocupação de Agustina em relação à saúde de Wilcock, com destaque para as cartas a partir de 1962, e para Régio, a partir de 1967, são o outro lado, não oposto, do exercício constante da escritora com a prática da amizade como um valor do qual não devemos nos distanciar, valor este que se equivale à arte, no sentido de que nos atualiza sobre a nossa travessia no rio do tempo.

Sérgio Cardoso, em *Paixão da igualdade, paixão de liberdade: a amizade em Montaigne*, presente *Os sentidos da paixão* (2009), organizado por Adauto Novaes, afirma que é a perda uma razão fundadora da experiência da amizade em Montaigne e na história da filosofia. É a perda de Etienne de La Boétie que ensina o filósofo sobre a dimensão do vazio e sobre a sua iminente morte. Segundo Cardoso: “De fato, a vida do pensamento tem parte com a morte. Escapa-lhe indefinidamente a firmeza da carne, a lisa solidez da positividade. O pensamento tateia, deseja a resolução do corpo (Sérgio Cardoso, 2009, p.179).

Ou, se pensarmos no que afirma Derrida, no texto já citado, não é só ausência sempre a ser recuperada do rosto do outro que o faz recomeçar e reler Lévinas, mas a certeza de que a amizade é a criação permanente das dimensões do tempo, nossa fabulação do silêncio definitivo, um chamamento que não se encerra, mas uma resposta que não acaba e responde em nós, diante de nós. Porque o outro, como aponta Derrida, nos ensina sobre a nossa responsabilidade sobre a construção permanente da existência humana, uma das primeiras e mais fundamentais deduções.

As cartas também nos ensinam acerca da importância da prática do desejo constante e desafiador do uso da linguagem, ação que também prevê o espaço do silêncio, da espera. Sobre essa inquietude perseverante da escrita, que inclui o movimento contínuo, a espera da pausa, Agustina escreve, em carta a Juan Rodolfo Wilcock, em 2 de outubro de 1959:

A inteligência, que é a necessidade activa, transforma-se numa palavra muito árida por efeito da nossa civilização, que vê na inteligência uma finalidade. A inteligência mais poderosa é aquela que não teme ser banal nos domínios da banalidade e que só chega a ser completa no silêncio. O filósofo do silêncio foi Wittgenstein, um vienense que ensinou em Cambridge. É admirável o que viu além da sua época (...) (Agustina Bessa-Luís, 2021, p.59)

Uma das questões que se faz presente hoje, se podemos falar brevemente em memória nessas linhas finais, é que, como nota Marilena Chaui, em *Os trabalhos da memória*, texto de introdução da importante obra da pesquisadora e professora Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994):

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo). (Marilena Chaui, 1994, p.19)

Os objetos biográficos, como as cartas, são registros valiosos entre escritores, o século XX, mas, ao mesmo tempo, provas importantes da fixação dos afetos, não perdendo de vista o que nos ensina Chaui, em outro texto, *Liberdade: nosso poder sobre os afetos*, presente no livro *Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza*, que a liberdade não “se encontra na distância entre mim e mim mesmo (...), porém, ao contrário, é a proximidade máxima de mim comigo mesma (Marilena Chaui, 2011, p.295). Sendo a identidade de “si consigo”, segundo Espinosa, a liberdade é demonstração de que a potência de agir é uma aproximação entre paixão e ação.

Ler esses documentos, muitas vezes com todas as ironias presentes nas cartas, faz uma provocação sobre a necessidade de preservá-los não só como registros, mas como formas de entendimento das relações humanas, como meios que nos ensinam também sobre uma forma de criação do tempo, marcado pela ausência, pelo silêncio e, igualmente, pelas redes incessantes de informações e relações intertextuais.

Em outras palavras, são meios de compreensão da recepção crítica da obra da escritora, das críticas que tece ao mercado literário e aos seus contemporâneos, porém o que expusemos aqui também foi a necessidade de leitura desses registros como formadores da importante obra de Agustina Bessa-Luís.

A última carta de José Régio é do dia 8 de fevereiro de 1968. Notamos que desde a primeira carta de Agustina, em 1955, até a última, de Régio, de 68, temos um diálogo de mais de uma década, revelando a aproximação e a admiração do reconhecido escritor pela escritora, de quem se tornara um leitor assíduo:

Minha ilustre amiga:

Recebi e agradeço o seu novo livro, que vou ler com o vivo interesse que sempre me provocam as suas obras. Algumas pessoas me tinham já perguntado se o lera, e o que pensam de ele, e agora lhes poderei responder dentro em breve. (...) A minha convalescença, sobretudo psíquica, não tem sido fácil. Com as minhas desculpas e renovando os meus agradecimentos, velho admirador,

José Régio.

(José Régio, 2014, p,110)

Agustina escreve a Régio um ano antes, um tempo longo de espera também em relação à carta enviada a Juan Rodolfo Wilcock, de março de 1964, documento que, segundo a edição da obra, não foi localizado no espólio. Curioso pensar que ambas, a carta de Régio e de Wilcock, são correspondências curtas em que destacam os papéis de amigos e de leitores da obra da escritora. Além disso, vale pensar que, além de serem as últimas, também mencionam as dimensões de vida e de morte. Escreve Juan Rodolfo Wilcock, em 30 de janeiro de 1965:

Querida Agustina, vejo que a sua última carta aguarda uma resposta, há quase um ano: desde Março. A carta espera, porque você seguramente fará alguma outra coisa. Não recebi o livro que me anunciava, *As Relações Humanas*. Não serei mais seu leitor?

Chegar ao fundo da memória das coisas e descobrir que todas são palavras, e que se as puserem todas juntas e as comprimirem se obtém um disco igualmente imaginário que de um lado diz Vida e do outro Morte...

Eu ouço somente este lado do disco porque já ouvi bastante o outro lado; e asseguro-lhe que deste lado é quase impossível encontrar a palavra literatura, o verbo escrever. Uma só pessoa, creio, cometeu a contradição de escrever o que se ouve do lado Morte: John Webster, o autor de *A Duquesa de Amalfi*.

Imitando-o, envio-lhe uma afectuosa saudação que cheira a podridão, cadáver, sangue pisado, caveira bolorenta.

Seu amigo de sempre, Wilcock  
(Juan Rodolfo Wilcock, 2021, p.233)

Retomamos o que falávamos anteriormente, acerca do medo do rasto, como exemplo, concluindo com a última carta que Agustina envia a Régio, em 30 de janeiro de 1967, respondida por ele, em 68, e já citada neste texto:

Uma vida sem amigos é bem pobre e digna de lástima. A assiduidade não é o melhor da amizade, mas sim a constância, um fundo de fidelidade que os nossos defeitos ou fadigas não conseguem afectar. Para alguns amigos somos sempre, como as nossas mães, jovens, cheios de novidade, os primeiros na terra. A sua muito dedicada, Maria Agustina. (Agustina Bessa-Luís, 2014, p.109)

As ideias de fidelidade e de constância são fundamentais para a leitura dessas correspondências. “Sempre” é o vocábulo que Wilcock faz questão de destacar na primeira carta enviada à escritora e que está presente também na última.

As cartas, portanto, são o exercício de um profundo conhecimento sobre muitos assuntos, dentre os quais o mais instigante é a crítica que realizam, mas um testemunho de uma vital transformação dos escritores, de suas angústias, de suas aproximações de afeto que permitem um movimento intenso de leitura que permanece. São, igualmente, uma prática de resistência, como descrevemos no início deste artigo, na medida em que nos lembram da necessidade do silêncio e da espera como ações relevantes para o diálogo e, conseqüentemente, para a experiência humana.

VASCONCELOS, Viviane. On affection and creation: Agustina Bessa-Luís in dialogue with Juan Rodolfo Wilcock and José Régio. *Itinerários*, Araraquara, n. 57, p. 97-109, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *This work's main objective is to analyze the correspondence between Agustina Bessa-Luís and José Régio, from 1955 to 1968, and the letters addressed to Juan Rodolfo Wilcock, an Italian-Argentine writer, from 1959 to 1965. In view of the celebrations of the 70th anniversary of the publication from the novel "A Sibila", a landmark in 20th century literature, it becomes relevant to think about dialogues that Agustina Bessa-Luís established with some writers. In addition to being an important record that reveals particularities of emotional coexistence, the materiality of epistolography can also point out ways for us to think about historical and literary value.*

*Written in the same period, the letters, notes and cards exchanged between Agustina Bessa-Luís and José Régio allow reflections on literary writing, reception and criticism, in addition to the cultural manifestations of a time. In the case of the correspondence between Agustina and Wilcock, for example, there are challenging provocations on different subjects, a powerful communication that brings perspectives for reading the Portuguese writer's important work.*

■ **KEYWORDS:** *Agustina Bessa-Luís. José Régio. Juan Rodolfo Wilcock. Correspondence.*

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **A ideia de tempo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2022.

BESSA-LUÍS, Agustina; WILCOCK, Juan Rodolfo. **Correspondência (1959-1965)**. Prefácio de Ernesto Montequin. Tradução de Lourença Baldaque. Lisboa: Relógio D'Água, 2021.

\_\_\_\_\_. **Correspondência: Agustina – Régio (1955-1968)**. Lisboa: Guimarães, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHAUI, Marilena. Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. Os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Icléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.19.

CARDOSO, Sérgio. Paixão da igualdade, paixão de liberdade: a amizade em Montaigne. *In*: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.179.

